

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

LEARNING DIFFICULTIES IN CHILD LITERACY

Eduardo Pompeu¹

Eliete de Almeida Soares Lopes²

Sandra Regina de Souza Pinto³

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar possíveis fatores determinantes para as dificuldades de aprendizagem na alfabetização infantil. Geralmente, tais problemas podem ter origem em concepções metodológicas ultrapassadas, dificuldade de adaptação, participação da família, ambiente em que a criança está inserida ou alguma condição de distúrbios sistêmicos e parciais da aprendizagem escolar. Foi possível compreender, a partir do estudo elaborado, a importância de o docente conhecer seu aluno para que, dessa forma, possa compreender suas dificuldades e aperfeiçoar métodos e técnicas para que ele obtenha sucesso no processo de letramento e alfabetização. Tem-se como metodologia o estudo bibliográfico a partir de leituras especializadas sobre o tema, bem como a discussão proposta acerca do trabalho pedagógico alfabetizador nas séries iniciais.

1025

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Dificuldades. Aprendizagem.

ABSTRACT: This work aims to analyze possible determining factors for learning difficulties in children's literacy. Generally, such problems can originate from outdated methodological concepts, difficulty in adapting, family participation, environment in which the child is inserted or some condition of systemic and partial disorders of school learning. It was possible to understand, from the study carried out, the importance of the teacher knowing his student so that, in this way, he can understand his difficulties and improve methods and techniques so that he succeeds in the process of literacy and literacy. The methodology used is the bibliographic study based on specialized readings on the subject, as well as the proposed discussion about the teaching literacy work in the early grades.

Keywords: Literacy. Literacy. Difficulties. Learning.

¹Especialista em Gestão Escolar, Promovida pela Faculdade de Educação de Tangará da Serra/Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental: Anos iniciais; Educação Infantil e na Empresa, Promovida pela Faculdade Centro Universitário de Várzea Grande UNIVAG / E-mail: maneraep@gmail.com.

²Especialista em psicopedagogia institucional e clínica promovida pela Faculdade Afirmativo, Licenciatura em educação física promovida pela Universidade Federal de Mato Grosso. UFMT. E-mail: elilopes4@gmail.com.

³Especialista em Psicopedagogia, Promovida pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande/Licenciatura em Pedagogia, Promovida pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande. E-mail: Sandrasouza1827@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem por objetivo investigar os principais desafios de aprendizagem no período da alfabetização infantil, apresentando uma discussão sobre as possíveis causas e o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficientes relacionadas que podem colaborar para que o aluno obtenha sucesso no processo de aprendizagem;

Parte-se do princípio de que é necessário buscar práticas dinâmicas com enfoque no desenvolvimento pleno da criança, sendo necessário para tal a observação atenta de elementos de variadas esferas, especialmente de origens externas que estabelecem influência na sociedade em geral e, por consequência, no sucesso ou fracasso do aluno durante o processo de letramento e alfabetização. Dentre os elementos mais expressivos, podem ser citados: contexto social e econômico da família do aluno, condições em que está exposto, incluindo o ambiente em que vive, meio acesso à cultura e informação, participação da família e sua relação com a comunidade escolar, etc. Outros fatores estão ligados a metodologias empregadas por professores, as quais muitas vezes se demonstram ultrapassadas e direcionadas para uma concepção de aquisição mecânica de conhecimento, em que o aluno apreende o que o professor- detentor de todo saber almeja transferi-lo- e memoriza tais informações.

1026

Por fim, alguns problemas podem advir de distúrbios da aprendizagem escolar, como transtornos específicos da leitura e da escrita, como dislexia e disgrafia; problemas de natureza emocional, como a ansiedade, e seus impactos na construção da leitura e escrita; autismo, deficiência mental, hiperatividade, déficit de atenção etc.

Seja qual for o caso, cabe ao docente conhecer o seu aluno a fim de identificar a origem dos problemas que influenciam suas habilidades na sala de aula para que, através de seu acompanhamento atento, a criança tenha a possibilidade de obter sucesso no complexo processo de letramento e alfabetização.

2 – OBJETIVOS

Os objetivos específicos propostos por esse estudo consistem em:

- Levantar informações sobre as principais dificuldades de aprendizagem no contexto de alfabetização;
- Analisar informações coletadas em revisão bibliográfica de acordo com a perspectiva de importantes autores e pesquisadores sobre o tema em questão;

- Analisar possíveis estratégias utilizadas por educadores para identificar as dificuldades dos alunos durante a alfabetização infantil;
- Compreender como as metodologias utilizadas pelos docentes podem contribuir para o sucesso ou fracasso da alfabetização do aluno;
- Analisar práticas possíveis que podem contribuir para a diminuição das dificuldades das crianças no período de alfabetização;

Diante da necessidade de discutir a abordagem das dificuldades no contexto de aprendizagem, mais especificamente durante a alfabetização, torna-se necessário apontar algumas questões relevantes as quais nortearão este trabalho:

- Como o tema é levado em consideração pelos professores no processo de alfabetização?
- Que critérios são definidos pelos professores para determinar suas metodologias em sua prática educativa, principalmente durante a alfabetização infantil?
- Quais são as principais dificuldades observadas pelos educadores durante o processo de letramento e alfabetização?
- Em que medida práticas inovadoras podem colaborar para o processo de alfabetização?

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento do presente estudo consiste em uma abordagem qualitativa. Serão feitas análise e discussão sobre o tema “Dificuldades de aprendizagem na alfabetização infantil” de acordo com a contribuição teórica de Freire (1992), Emília Ferreiro (1989, 2001), Cagliari (1998) e outros.

As etapas contempladas serão: 1) pesquisa e revisão bibliográfica do tema; 2) obtenção e discussão dos resultados; 3) conclusão e produção escrita para o artigo em questão. Foram selecionados documentos, livros e periódicos de autores pesquisadores sobre o tema em questão, presentes em sites de busca, bibliotecas e plataformas virtuais.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Como referencial teórico para essa pesquisa, alguns autores possuem significativa relevância. Para a abordagem de Letramento e Alfabetização, a contribuição de Freire (1992)

torna-se necessária, uma vez que o autor defende uma proposta de leitura do mundo dotada de significado, fugindo da lógica mecanicista de mera repetição de letras.

Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa referida acima; estimular a capacidade crítica dos alfabetizados enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação do sujeito que procura conhecer com o objeto a ser conhecido. Relação que inexiste toda vez que, na prática, o alfabetizado é tomado como paciente do processo, puro recipiente da palavra do alfabetizador. Neste caso, então, não diz a sua palavra (FREIRE, 1992, p. 26).

Ainda sobre a questão da alfabetização e letramento, Soares (1999) os define como a ação de ensinar a ler e escrever e letramento como o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita respectivamente. Assim, para que uma pessoa de fato seja letrada, é necessário que ela faça uso significativo do que aprende.

De acordo com Ferreiro (2001, p. 38), “a criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essas informações extra- escolares se parecem com a informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar”. Dessa forma, a alfabetização tem início antes de o aluno adentrar na comunidade escolar e quanto maior for sua exposição a contextos de leitura, sua alfabetização será mais ampla e mais profunda.

1028

A criança exposta ao contexto de alfabetização não pode ficar presa somente a prescrições escolares de como dar continuidade a aprendizagem da língua escrita, mas necessita receber do docente o apoio necessário para que os alunos se familiarizem com as variadas linguagens usadas na sociedade, aprendendo a se comunicar de forma adequada em diversas situações. A criança necessita obter as orientações de modo que consiga observar os contextos, para que o seu aprendizado seja conduzido pelo processo de prazer e interesse diante daquilo que ela consegue atribuir sentido na realidade.

Para que as origens das dificuldades de aprendizagem na alfabetização sejam mais claras, torna-se necessário investigar a prática dos profissionais de educação, analisar os dados presentes em estudos recentes sobre o tema, observando sempre as conclusões obtidas por importantes estudiosos na área da alfabetização infantil.

Segundo Emília Ferreiro (2001, p. 44),

A descrição do que é e para que serve a pesquisa bibliográfica permite compreender que se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto de campo (documentação direta) exigem como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Pode-se observar, portanto, que a atualização acerca das discussões teóricas e principais pesquisas sobre um assunto devem ser encaradas pelos profissionais

docentes como uma leitura proveitosa, capaz de fornecer pistas importantes para que seja possível efetuar um trabalho eficiente na realidade vivida por eles. Esses estudos podem ser compreendidos como uma ferramenta de suporte ao professor, oferecendo-lhe uma visão geral dos principais desafios em sua prática alfabetizadora.

É fundamental que os professores tenham conhecimento e saibam como agir diante de adversidades observadas no contexto escolar do dia a dia, aproveitando cada informação que saltar diante de seus olhos para que as suas práticas sejam enriquecidas e a formação da criança não seja comprometida.

5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Geralmente, durante a infância, as primeiras iniciativas para o processo de alfabetização começam a surgir no período em que a criança já consegue dominar algumas funções, processos mentais e motores. Normalmente, a percepção de que esse processo está ocorrendo se sobressai durante os anos iniciais da Educação Infantil, em que as crianças são inseridas a contextos de atividades lúdicas, música e dança para auxiliar seu desenvolvimento. De acordo com Garcia (2001, p. 52), cabe ao educador, nessa etapa, estimular o desenvolvimento de hábitos e ações para que as habilidades fundamentais para o aprendizado da leitura e da escrita sejam plenas.

A criança a ser alfabetizada corresponde, na maioria das vezes, ao perfil de quatro a seis anos de idade, já demonstrando conhecimento das letras e da escrita, o que torna capaz que seu processo de alfabetização seja iniciado.

Na perspectiva de Oliveira (2007, p. 173), a criança, mesmo antes de adentrar no ensino formal, passa a se educar de acordo com sua base familiar, sendo a responsável por assumir o papel vicário desta estrutura educadora. Com isso, pode-se compreender que algumas crianças entram para a escola compreendendo basicamente a estrutura alfabética, outras relacionam o número de letras de uma palavra com o número de sílabas, e ainda há as que nem ao menos consideram que as letras escritas possuem algum tipo de relação com os sons das palavras. Deve-se ressaltar que as crianças não possuem o mesmo grau de compreensão do que seja ler e escrever ao iniciar seu processo de alfabetização.

De acordo com as considerações de Ferreira, observa-se que na etapa da alfabetização, como a criança pode demonstrar algum tipo de conhecimento prévio, o desenvolvimento da

linguagem deve receber ênfase pelo educador, posto que esse trabalho auxilia o processo de aprendizado da escrita e, por consequência, da alfabetização como um todo.

Alguns elementos podem ser observados a partir da fala infantil, podendo expor seus interesses e traços da sua personalidade. Dessa forma, é necessária uma observação cuidadosa acerca da forma e do conteúdo falados pela criança a fim de aperfeiçoar ferramentas para possibilitar sua alfabetização.

Nas palavras de Ferreiro (2001, p. 38), “a criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essas informações extra- escolares se parecem com a informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar”.

A Lei nº. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, apresenta algumas modificações em relação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nos artigos 32 e 87, §3º, inciso I, que asseguram a obrigatoriedade do Ensino Fundamental com duração de nove anos devendo ser iniciado aos seis anos de idade. Outra alteração diz respeito à menção de que o Poder Público deve matricular as crianças a partir dos seis anos de idade no 1º. ano do Ensino Fundamental.

Atualmente, observa-se que aluno do 1º ano do ensino fundamental – principalmente em escolas da rede pública - pode apresentar algumas dificuldades no processo de alfabetização, não conseguindo desenvolver a escrita e assimilar as letras. Muitas vezes, a criança apresenta raciocínio lento, pouca motivação na aprendizagem. Podem, ainda, apresentar pouca assiduidade e dificuldade para acompanhar o conteúdo ministrado pelo professor em sala de aula.

Os problemas de aprendizagem podem ser percebidos dentro do ambiente escolar, tanto em sala de aula quanto em situações recreativas que podem fornecer ao educador ferramentas fundamentais para auxiliar o seu trabalho alfabetizador. Dessa forma, o docente pode observar o conhecimento prévio do aluno, seu comportamento e hábitos, como defende Ferreiro (1989, p. 14):

Quando uma professora aprende a interpretar estas produções, aprende também a respeitar este produtor. Aprende a respeitar esta criança que lhe está mostrando, através destas produções, os esforços que está fazendo para compreender o sistema alfabético da escrita. E que, na verdade, não tem nada de simples, nem de evidente.

5. 1 - Problemas familiares

Em algumas escolas, principalmente se consideramos as escolas das redes públicas, existe um problema que influencia negativamente a atividade alfabetizadora, que consiste

na pouca ou mesmo ausente colaboração dos responsáveis em relação ao desempenho dos filhos.

Muitos podem ser os motivos pelos quais esse fenômeno ocorre, dentre os quais podem ser citados como os principais aqueles que fazem parte de classes sociais menos favorecidas: os pais realizam muitas atividades para obter ganho suficiente, o grau de escolaridade dos responsáveis é baixo, o aluno não consegue se alimentar adequadamente, o aluno possui responsabilidades que comprometem a sua aprendizagem etc.

Esses fatores prejudicam demasiadamente o trabalho alfabetizador, pois a educação doméstica antecede qualquer instrução feita no ambiente escolar e seu direcionamento pode auxiliar o aprendizado, como observa Oliveira (2007, p. 173):

Historicamente, a família tem sido considerada o ambiente ideal para o desenvolvimento e a educação de crianças pequenas. Essa é a posição de alguns sistemas educacionais, que sustentam que a responsabilidade da educação dos filhos, particularmente quando pequenos, é da família, e assumem um papel de meros substitutos dela, repetindo as metas embutida nas práticas familiares.

Nesse sentido, é necessário haver uma conscientização para que fique claro para a sociedade em geral que a educação não é de responsabilidade exclusiva da escola, pois esta deve ser compreendida como uma forma complementar de educar, procedendo as práticas e contato que a criança desenvolve inicialmente com a família. É nesta última que a criança adquire a maior parte de seus hábitos culturais e linguísticos.

5.2 - Metodologias tradicionais

Apesar de haver orientações jurídicas e debates na esfera educacional cada vez mais crescentes nos últimos tempos, o processo de alfabetização refletido na prática escolar de forma geral ainda possui relações estreitas com as metodologias tradicionais. Dessa forma, não é incomum observar na prática de educadores alguns hábitos que ressaltam esta observação, como, por exemplo, a organização das cadeiras estabelecidas em filas umas atrás das outras, evidenciando a cadeira do professor ao centro da sala – em alguns casos em um local mais alto. Essa prática, considerada como sem importância e aparentemente normal pela maioria das escolas, acaba reforçando a figura do professor como um ser superior em sala de aula, configurando os alunos como meros receptores das informações passadas por eles.

De acordo com Cagliari (1998, p. 32):

Enquanto a alfabetização escolar ficou presa à autoridade de mestres, métodos e livros, que tinham todo processo preparado de antemão, constatou-se que muitos

alunos que não trabalhavam segundo a expectativa dos mestres, métodos e livros eram considerados incapazes e acabavam de fato não conseguindo se alfabetizar.

Outra questão relevante, que pode ter origem em fatores relacionados a más condições de trabalho a que o profissional é exposto, é a ausência de tempo que os professores encontram muitas vezes para conhecer melhor os seus alunos, estimular a participação durante as aulas e incentivar aqueles que apresentam maiores dificuldades. Esse fenômeno, também ligado a práticas mais tradicionais de ensino em que o educador se concentra apenas em dirigir tarefas e não se preocupa com outros fatores, pode ser prejudicial para o desenvolvimento dos alunos nesta fase.

Uma possível solução – palpável e prática - para aplicar diante de tais problemas mencionados é desconstrução de alguns padrões, como a arrumação das carteiras em sala de aula já mencionada. Podem ser feitos círculos de debates, estimulando. Compreende-se com essa proposta que o ambiente da sala de aula não pode ignorar as atividades orais, uma vez que essas consistem em importantes fontes de conhecimento da criança nesta fase da vida, evidenciada pelos fenômenos linguísticos estão em pleno desenvolvimento de acordo com a convivência fora da escola.

Outra proposta consiste na revisão de formas tradicionalistas centradas na mera transmissão de conteúdo, desconsiderando as dinâmicas e as brincadeiras tão características da infância, baseando-se apenas no suporte do livro didático e o quadro. Por meio dos jogos e das brincadeiras pedagógicas, o educador pode adequar sua atuação como alfabetizador de acordo com o que é observado durante o desempenho das crianças no decorrer das atividades. Para tal, ele precisa ter em mente que as brincadeiras devem possuir sempre um objetivo claro, e não devem ser feitas apenas por fazer.

Os jogos, nesse sentido, não utilizados para servir de meras “ilustrações” para seu trabalho, mas para realmente facilitar esta etapa da alfabetização na vida dos alunos. A partir da compreensão que os professores obtêm desta ferramenta, é possível que haja a estimulação adequada para o conhecimento adquirido na etapa de Alfabetização, a qual é conduzida pela atuação pedagógica que interfere positivamente no desenvolvimento pleno da criança.

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança, é no brinquedo que o desenvolvimento de uma criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos internos (VYGOTSKY, 1998, p. 109).

Como os jogos e as brincadeiras consistem no procedimento lúdico mais presente no cotidiano da criança, o educador pode recorrer a este fator, aproveitando ao máximo suas potencialidades educativas. A observação atenta do educador durante as atividades lúdicas pode fornecer a eles importantes diagnósticos a partir da expressão das crianças, da forma como agem diante de uma situação-problema, as atitudes tomadas para resolver os desafios, entre outros. Dentro deste contexto, o educador consegue moldar suas técnicas pedagógicas e recorrer a recursos que deem conta dos seus objetivos dentro da Alfabetização.

Feitas essas considerações, é notável que os educadores necessitam aperfeiçoar seus métodos e técnicas e refleti-las nas práticas de ensino, objetivando formas que se estejam em consonância com as necessidades dos alunos. Assim, o professor pode meios diversos para que consiga abarcar as especificidades do maior número de alunos durante o processo de alfabetização.

Dessa forma, é fundamental o incentivo da participação dos alunos nas atividades escolares, pois a partir de suas proposições, de suas experiências, da interação estabelecida com os demais alunos, o educador poderá moldar suas abordagens didáticas de forma a promover o aprendizado, que será acompanhado pelo interesse e motivação de seu aluno.

5.3 - Adaptação e ambiente escolar

Segundo Marcelo Cunha Bueno (2018), adaptação significa a passagem do universo individual para o universo coletivo. O conceito é considerado pelo educador como algo simples, mas a prática evidencia que se trata, muitas vezes, de um processo complexo no qual família e educadores nem sempre estão em total sintonia.

Gasshan e Tavares (2009) compreendem a adaptação como um fator que antecede a vida escolar do indivíduo, pois está presente nos pensamentos antes mesmo que a ação seja concretizada. Nesse sentido, ela compreende três fatores: a preparação para adequação da criança, a iniciativa dos responsáveis familiares e as práticas das instituições e educadores, que precisam recebê-los com comprometimento. Quando esses fatores não podem ser comprovados na realidade do aluno, o processo de alfabetização pode ser seriamente comprometido.

Outro fator preponderante para o sucesso ou fracasso no processo alfabetizador está relacionado à estrutura física das escolas, fator perceptível em escolas públicas as quais apresentam, em geral, sérios problemas de estrutura física. Assim, a ausência de locais propícios para debates e encontros interativos, quadras esportivas em condições adequadas

para utilização, salas de informática, brinquedoteca, ventilação, bibliotecas, refeitórios, salas de vídeo e outros espaços são fundamentais para que tanto o aluno como o professor possam obter sucesso em suas tarefas.

5.4 – Distúrbios de Aprendizagem

Algumas dificuldades de aprendizagem podem ocorrer devido a distúrbios que se manifestam em crianças durante o processo de alfabetização, tendo por característica a aparição de problemas nos processos cognitivos, mais precisamente na leitura, escrita ou na realização de cálculos matemáticos.

Esses quadros podem trazer reflexos negativos para o desenvolvimento das crianças na fase escolar, podendo culminar em problemas de ordem física, social e emocional, podendo ocorrer, caso não recebam o diagnóstico correto e sejam tratados de forma adequada, casos de evasão escolar. Alguns casos de distúrbios de aprendizagem que podem interferir no processo de alfabetização e letramento mais comuns são dislexia, disgrafia, TDAH e autismo.

Por transparecerem de forma mais clara durante a etapa de alfabetização as primeiras pistas da dificuldade de aprendizagem, o educador deve estar atento para identificá-las e procurar pela colaboração de profissionais de outras áreas, a fim de estabelecer um trabalho multidisciplinar para promover o encaminhamento e acompanhamento adequado. Cabe ressaltar que essa colaboração e trabalho coletivo é extremamente importante e fundamental, uma vez que apenas o olhar o professor não é suficiente para realizar o diagnóstico e tratamento necessários para tais condições.

Dessa forma, com os devidos cuidados, o aluno poderá ser avaliado nas suas dificuldades e receberá as intervenções efetivas para que possa superar e progredir no enfrentamento desses distúrbios. Na maioria dos casos, as crianças são normais e seus casos podem ser tratados e revertidos.

5.4.1 - Dislexia e disgrafia

De acordo com pesquisas e debates relacionados a distúrbios de aprendizagem, profissionais de diversas áreas – fonoaudiologia, psicologia, psicopedagogia e mesmo de educação – preocupam-se em descobrir a motivação para os distúrbios identificados no período da aquisição da linguagem oral e escrita.

Sabe-se, atualmente, que tais problemas podem comprometer a aprendizagem em crianças antes mesmo da alfabetização, podendo se atenuar durante essa fase. No caso dos indivíduos dislexos, as lesões neurobiológicas influenciam negativamente na aquisição de habilidades de leitura e, por consequência, de escrita por originarem uma disfunção desses processos neurológicos presentes na conquista dessas habilidades.

Apesar de os estudos apontarem para irregularidades no funcionamento cerebral que podem originar a dislexia e a disgrafia, é fundamental que a escola possa orientar os responsáveis para que eles consigam fazer um acompanhamento adequado com os seus filhos.

Muitos elementos causadores dos distúrbios linguísticos mais comuns em salas de aula e causadores das dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem necessitam de acompanhamento para serem corrigidos e, por isso, algumas atividades devem ser aperfeiçoadas pelos docentes e postas em prática no dia a dia da escola.

A dislexia e a disgrafia necessitam de atendimento profissional mais complexo, que possa ajudar tanto o docente como o aluno, pois cabe ao educador realizar tarefas flexíveis e avaliações adequadas, aperfeiçoando sempre seus materiais e métodos, a fim de que não exponha seu aluno ao fracasso escolar (CALDEIRA e CUMIOTTO, 2004).

5.4.2 - Autismo

Para alguns profissionais na área da educação, receber um aluno com um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma sala de ensino regular, em muitos casos pode assustar no começo. De acordo com Gauderer (1987), crianças com autismo podem apresentar dificuldade de aprendizagem, mas podem desenvolver habilidades linguísticas, motoras e interativas quando expostas a programas de estímulo a aprendizagem.

Para Aarons e Gittens (1992), as crianças autistas apresentam algumas diferenças no que diz respeito aos sentidos de tocar, sentir e cheirar. De forma geral, as principais características autistas estão presentes em problemas de desenvolvimento na comunicação verbal e não-verbal, relacionamento social e atividades lúdicas (DUNLAP, PIERCE & KAY, 1999). As áreas afetadas dizem respeito aos campos cognitivo, social e linguístico.

Nesse contexto, cabe à escola elaborar métodos e estratégias para que crianças autistas possam desenvolver suas habilidades, se integrando de forma plena ao meio e interagindo com as demais crianças. A família pode auxiliar neste processo, sendo

responsável por construir uma parceria com a ela, capaz de fornecer ao aluno autista os meios necessários para que ele se sinta seguro e confortável na escola.

5.4.3- TDAH

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2013), o TDAH consiste em um transtorno neurobiológico de origem genética, que se manifesta ainda na infância e geralmente acompanha o indivíduo por toda a vida. No ambiente escolar, os sintomas do Transtorno podem comprometer o aprendizado das crianças, principalmente na etapa de alfabetização, uma vez que estão relacionados com algumas características como: distração, dificuldade de prestar atenção, agitação ou inquietude para acompanhar as atividades, entre outros.

Nesse sentido, é comum haver dificuldade por parte dos alunos e também por parte dos professores de Ensino Infantil, já que raramente possuem o preparo necessário para perceberem e encaminharem essas crianças para o profissional adequado. Contribuem para essa dificuldade o cenário das instituições públicas, em que os professores, muitas vezes, com inúmeros alunos por turmas não conseguem prestar atenção em detalhes dessa natureza.

1036

A Psicopedagogia consiste em uma esfera que compartilha elementos de compreensão do campo da educação e da saúde, atuando com a finalidade de averiguar os processos de construção de conhecimento de cada indivíduo. Dessa forma, algumas possibilidades desta área de atuação estão relacionadas com a identificação de problemas que possam obstruir o processo de aquisição de aprendizagem, bem como a prevenção e redução desses problemas.

Weiss (2012, p. 32) afirma que apenas “depois de clarificada a posição de desvio é possível traçar os rumos a serem seguidos no diagnóstico”. Sendo assim, cabe ao especialista psicopedagogo determinar se o sujeito possui o Transtorno através de uma entrevista clínica baseada em critérios específicos (MATTOS, 2015, p. 53).

O psicopedagogo possui os mecanismos necessários para intervir de modo amplo na área educativa, uma vez que ela é profundamente afetada para os pacientes. É nesse sentido que Conderamim e colaboradores (2006, p 60) afirmam que “a avaliação Psicopedagógica tem um papel central no diagnóstico da criança com TDA/H, já que é no colégio que o problema tem maior expressão”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento em um trabalho em conjunto entre escola, educador, aluno e família pode ser uma das maiores chaves para solucionar – ou ao menos reduzir – os impactos negativos causados pelas principais dificuldades de aprendizagem durante a alfabetização infantil. Diante das perspectivas apresentadas e da discussão realizada, percebe-se há algumas falhas no sistema de ensino relativas ao processo de alfabetização dos alunos dos anos iniciais, evidente de forma mais clara na rede pública de ensino.

Dessa forma, muitas vezes, perpassa por tais dificuldades preocupações de cunho social, que não podem ser desconsideradas nessa observação, posto que são claros alguns elementos que impactam esse processo, como: estrutura familiar deficiente, ambientes inadequados para sobrevivência, alimentação precária e demais elementos que interferem diretamente na aprendizagem.

Foram observados, ainda, elementos relacionados a concepções de ensino ultrapassadas, focadas apenas na transmissão mecânica de conhecimento, em que o aluno não é visto como protagonista de seu aprendizado e o professor não atualiza as suas práticas didáticas. Esses fatores comprometem a aprendizagem, especialmente no período da alfabetização, uma vez que desconsidera as dificuldades apresentadas pelos alunos ao padronizar o ensino de acordo com uma metodologia que não se torna eficiente para todos.

Por fim, foi visto que alguns distúrbios de aprendizagem também podem influenciar a etapa da alfabetização, como a dislexia e disgrafia, o TDAH e o autismo, que embora sejam quadros que possam ser trabalhados e os impactos reversíveis, demandam uma observação atenta e o desenvolvimento de um trabalho em equipe formada por profissionais de várias áreas.

Os educadores devem sempre prezar por um ensino de qualidade, inovando, aperfeiçoando suas práticas, abandonar práticas que não contemplem todos os alunos e permanecer com aquelas que podem ser benéficas, mesmo se somadas a outras novas. Deve-se sempre estar atualizado de acordo com os novos desafios a serem enfrentados por esses alunos. Deve-se trabalhar com o objetivo de formar seres humanos capazes de decifrar a sua realidade e pensar o mundo de forma complexa e ativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARONS, M. & GITTENS, T. (1992). **The handbook of autism: a guide for parents and professionals**. London: Routledge.

BUENO, Marcelo Cunha. **Dedo de Prosa. Adaptação.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rXzRFRfwwmw>>. Acesso: jan 2019.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

CALDEIRA E, CUMIOTTO DMLO. **Dislexia e disgrafia: dificuldades na linguagem.** Rev. Psicopedagogia 2004;21(65):127-134

CONDEMARÌN, M. e colaboradores. **Transtorno do Déficit de Atenção: Estratégias para o diagnóstico e a intervenção psico-educativa.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

DUNLAP; PIERCE & KAY (1999). **Autism and Autism Spectrum Disorder (ASD).** Disponível em: <www.eric.ed.gov>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **Uma aula inédita para 10 mil pessoas.** Revista Nova Escola. 34. São Paulo. Outubro. 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 27. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1992. 4v. (coleção polêmicas de nosso tempo).

GARCIA, Regina Leite. **Revisando a pré-escola.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAUDERER, E. Christian, **Autismo – Década de 80. Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais,** Ed. Almed, 2ª edição, 1987

1038

MATTOS, P. **No mundo da lua: Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade.** 16 ed. Associação Brasileira de Déficit de Atenção, 2015.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** São Paulo: Autêntica 1999.

VYGOTSKY, L.S. (1989). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 14. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.